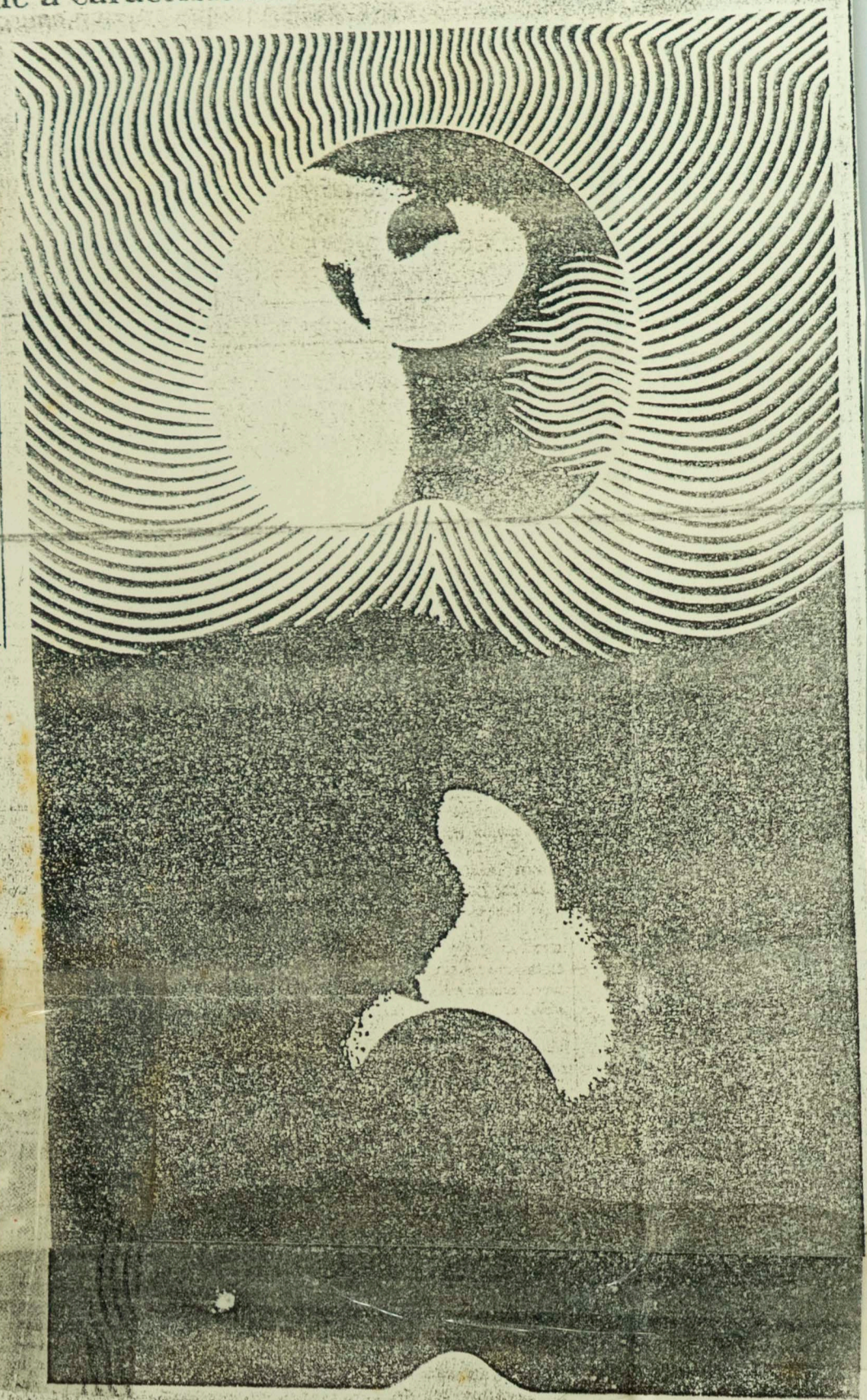
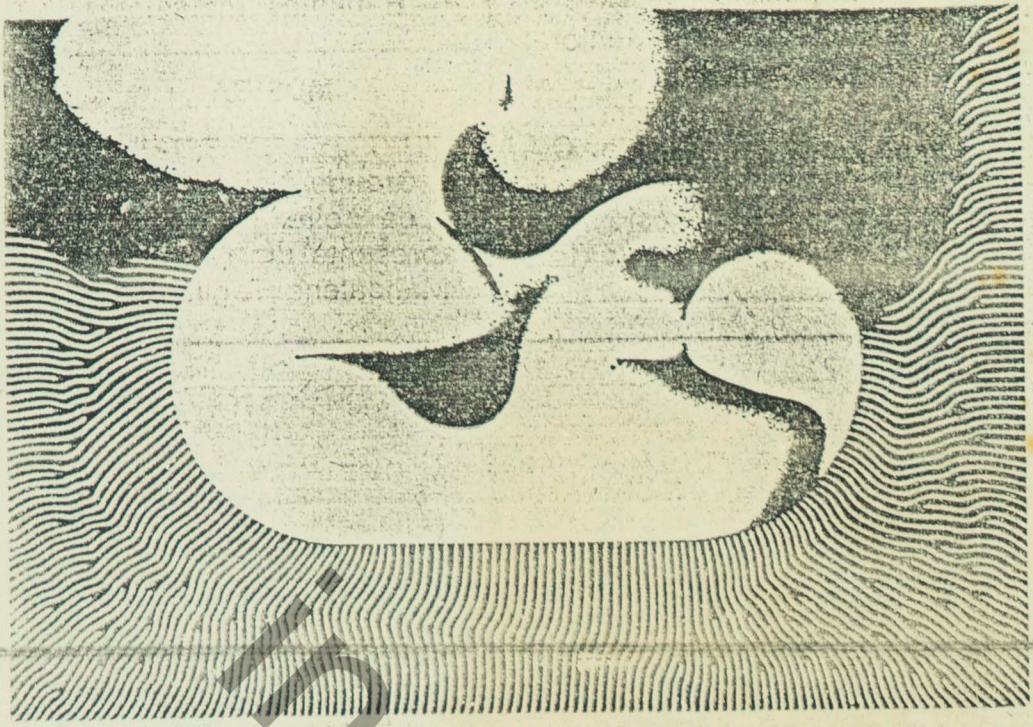


Duplicata

A criação de Ivan Serpa em 25 anos de trabalho. Seus desenhos, onde a característica é o erotismo.



Sua originalidade junta o rigor com um erotismo. A base são as cores do filme "2001". Serpa tem disciplina, é preciso, claro e jamais erra.

IVAN: EM 100 DESENHOS A PERFEIÇÃO

Jayme Mauricio

Em mostra no Museu de Arte Moderna mais de 100 desenhos de Ivan Serpa, produzidos entre 1946 e 1971, nenhum dos quais havia sido até hoje exposto ao público. O rigor excepcional da concepção e da execução das obras de Serpa são conhecidos e não teria sentido insistir sobre este ponto, como não teria sentido qualquer surpresa quanto à qualidade da mostra agora apresentada.

Não obstante todas as previsões a respeito do que se vai ver, a constatação de que há 25 anos o rigor do trabalho de Serpa já era praticamente o mesmo que o de hoje não deixa de causar espanto. Vinte e cinco anos parece um período bem longo na carreira de um artista ainda longe da maturidade. Não há, porém, exagero na afirmação agora feita: as árvores desenhadas em 1946, no mais completo estilo naturalista, parecem obra de algum perfeccionista europeu do século 18.

Mudanças

Todos sabemos que Serpa muda frequentemente de estilo, que se torna embaraçante para o crítico que quer catalogá-lo, ou para o colecionador que deseja que seu "Ivan Serpa" seja logo reconhecido por quem o vê. Certamente não há um estilo Serpa, não há adesão de Serpa a um estilo.

O rigor percorre sua obra como uma constante unifi-

canle e traça par-nós o "retrato de Serpa" que tantas vezes desejamos esboçar, Serpa, o limpo; Serpa, o correto; Serpa, o preciso; Serpa, o claro (mesmo na escuridão); Serpa, o que jamais erra (mesmo quando aceita o risco).

De 46 a 47 (quando Marie Pedrosa passou a ter forte influência junto ao artista) e 49, o Serpa naturalista do século 18 passa direto ao mundo de Klee, imprimindo-lhe já um gênero de rigor todo seu, quase uma antecipação do geometrismo e do concretismo que iria abraçar. Notável que tenha passado por transição tão brusca sem a mais leve hesitação, sem qualquer marca de aprendizado ou de adaptação a um novo estilo. Uma "Natureza Morta" de 47, uma "Abstração" de 48 e outra de 49 mostram-no seguro de si e de seu trabalho. Estamos certos de uma coisa: se Serpa tivesse resolvido fazer uma exposição ainda mais representativa de sua versatilidade, apresentando também o que afinal de contas é a modalidade principal de seu trabalho criador — a pintura —, teríamos diante dela a mesma impressão.

Ao se apreciar a presente mostra, chega-se a esquecer que ela retrata somente um setor acessório da criação de Serpa — salvo talvez, nos últimos anos, quando o desenho parece ter crescido de importância para ele. Por-

que o que está exposto é impressionante.

Incrível

Entre o impacto do concretismo por ocasião da I Bienal de São Paulo e a fase erótica, que começa em 67 e perdura até hoje, a variedade exibida pelo desenho de Serpa atinge as dimensões do incrível. Se, por um lado, o artista não arrisca grandes inovações, por outro, jamais incorre no perigo da imitação.

Suas transições não traduzem preocupação com modismos. Há uma enorme diversidade de geometrismos e algumas incursões por informalismos e cada uma delas parece o produto de longos anos de prática. Depois, adensamentos figurativos, de inspiração expressionista, de anos anteriores e mostra um novo caudal de uma quase art brut. O traço faz-se rápido, o rabisco afasta a reta e a curva regular sem, entretanto, negar a precisão. Também a cor, antes toda disciplina, em sua muita variação, ou em suas sutis modulações, confiere-se liberdades que não implicam em recusa do rigor. Imagine-se Mondrian e Ensor como tendo sido um só artista, para se fazer uma ideia da transição entre os concretismos e a quase art brut de Ivan Serpa.

Perigos

O artista que não erra está quase sempre exposto a um

perigo mais grave: a recusa ao risco, equivalente a um conformismo incompatível com a expressão criativa. E também a um segundo perigo: a necessidade de segurança, igualmente inibidora. A fase quase brut de Ivan Serpa evidencia que ele aceita arriscar-se, não obstante as indicações antecipadas, a respeito dos novos êxitos que o esperam. Que seu perfeccionismo não é espírito, prova-o sua necessidade frequente de mudanças abruptas, seu quase método de esconder-se como personalidade por trás das transformações.

Erótico

Já na fase expressionista, Ivan Serpa inclinava-se para o erótico. Seus nus femininos tornavam-se agressivos em sua deformidade. Quando, ao iniciar-se a fase presente, Serpa volta à precisão geométrica, o erótico não o abandona. Ele é erótico sem ser sensual.

Na fase anterior seu erotismo estava comprometido demais com a deformidade e a violência de sentimentos poucos sensuais. Na fase atual, está transmutado por idealismo e estilização avançados. Serpa explora a ideia do erótico com um espírito de filósofo ou de matemático. Abstraindo o sensual, faz-nos apelar ao pensamento. Parece um geometra às voltas com o inconsciente. Seus arquétipos eróticos mergulham no espaço cósmico, evidenciando afi-

nidades com o Kubrick da admirável seqüência final do 2001. É claro, porém, que em Serpa tudo é filtrado por sua disciplina ultra-exigente.

Original

O que sobretudo impressiona bem na presente fase de Ivan Serpa é que ele atingiu uma originalidade que antes não havia encontrado. O fato de permanecer criando num mesmo "estilo" há 4 anos indica que ele tem consciência de ter-se reencontrado.

Finalmente, uma breve palavra sobre a organização da mostra. Tendo Serpa recusado uma retrospectiva — seria impossível fazê-la na base apenas do desenho —, justifica-se a desproporção entre a representação da fase atual e a das precedentes. Esta desproporção chega quase a bipartir a mostra, mas o que incomoda é a interferência de uma multiplicidade de elementos óculos estranhos em cada desenho do artista, na orgia de reflexos sobre os vidros. Esta orgia não é novidade em nossa Arte Moderna, infelizmente. Mas é impossível estar de acordo com ela. Já é tempo de se pensar na solução do problema, de uma vez por todas.

Os 25 Anos de Desenhos de Ivan Serpa são indispensáveis a todos os que se interessam por nossa criação artística. A exposição justifica-se até viagens longas para a sua fruição.

